

O Segundo Éden



Olho-me no espelho. Nesse novo milênio, uso meu cabelo como o do Filho do Homem. Que ironia! Visto meu terno negro, minha bengala e saio para as ruas de um mundo acabado.

A aurora foi anunciada por um trio de Querubins cantando hosanas e aleluias na medida em que passavam pelos prédios e em torno das luzes das ruas e das esquinas.

À medida que eu observo o sol nascer, esses três anjos com rostos infantis passam, vestidos de couro e óculos escuros, seus dedos e dentes manchados de amarelo devido aos cigarros que fumam, e que deixam uma trilha de fumaça. Anjos humanos demais.

Espólios da guerra. Hoje é domingo, como ontem e o dia antes de ontem. De acordo com o decreto de Metraton, a voz de Deus, agora todo dia é Domingo.

Decadente, sabe demais.

Minha procura nesse mundo pós apocalíptico continua. Hoje é mais um dia na eternidade de minha busca.

Ando pelas ruas, alternando de cidade em cidade à cada passo que dou. Depois da guerra, todas as cidades da Terra estão unidas em um caos de ruas e bairros.

Construções se misturam, prédios americanos mesclados com templos chineses, casas coloniais européias presas dentro de bancos coreanos, etc...

Que mais que poderia acontecer depois que o Espaço e Tempo se liqüefizeram-se no calor de fogos demoníacos e divinos? Passeio em uma paisagem cubista.

Seria Picasso um profeta visual desse tempos finais? Ando em direção à Torre, erguida no centro desse pesadelo geográfico.

Metraton tenta dar algum sentido no caos, tenta evitar em vão a progressiva corrupção e decadência de anjos e humanos, forçados a conviver lado a lado após a guerra. Tenta liderar os sobreviventes, ser o Padrasto de órfãos loucos.

Saio de partes de uma Pós-apocalíptica Los Angeles misturada com um caótico Rio de Janeiro, agora finalmente secular e divino. Tudo completamente destruído. Tudo misturado em uma massa caótica.

Esquinas tailandesas se misturam com pedaços de vilas africanas, ruínas peruanas se empilham com igrejas russas.

Carros e caminhões ainda queimam em confusos montes de metal e vidro. Sinais de neon caídos nas ruas, ainda piscam suas luzes. Andando pelas ruas estão os loucos, os sobreviventes, milhões de seres lutando por um espaço nessa irrealidade. Refugiados das grandes cidades se misturam.

Vindos de Tóquio, Roma, México, Berlin, e muitas outras, eles se reúnem em torno da Torre.

Os censos oficiais indicam que a população da Cidade já é de 100 milhões, mas os pagãos não são incluídos na contagem.

Os julgados vem de todas as partes.

Vem para ficarem perto dos anjos, os campeões da humanidade, os vencedores da Luz. Sete anos depois da vitória. Aleluia.

A pressão populacional é insuportável. Não existe água suficiente ou instalações para satisfazer os necessitados. Não que isso importe muito.

O Anjo da Morte já não caminha mais na Terra. Ninguém morre; apenas as plantas e os animais ainda retém essa benção. Pelo menos os que sobraram.

Fome, desidratação, doença e violência, tudo combina para diminuir mais ainda as condições de vida. As antigas guerras, as antigas atrocidades são brinquedo perto da vida na Cidade neste novo milênio.

Milhões de seres, sobrevivendo sem a benção da Morte.

Procuro um velho Jardim, agora que o divino e o profano se misturaram.

* * *

Tenho caminhado muito, visto muito.

O que é isto?

Sinto o cheiro do pó da terra.

Finalmente.

Embaixo de um enorme viaduto ,sob uma mescla de Hong Kong e Marrocos, encontro o cenário de minha tragédia. Pouco mudara nos milênios que se passaram.

Finalmente.

Vou em direção à árvore , seus frutos impondo-se como meu destino. É uma velha árvore, já era velha quando meus pais eram jovens. Apesar de sua idade ela é pequena, seus frutos como punhos de crianças.

Na medida que coletei os frutos, o guardião da árvore se enrosca em torno de meu braço, me prendendo à árvore com seu corpo escamoso. Suas três cabeças que sibilam em uníssono forma uma voz múltipla.

__Sstá na hora, Assassino? Já se passou tanto tempo que eu quase esqueci. SStá na hora de minha árvore crescer?

Eu acaricio cada uma de suas cabeças. Sua carne é suave e quente ao toque. Eu levanto seu corpo e sussurro suavemente em seus seis ouvidos,

__ Breve, meu velho amigo. Breve, eu prometo à você..."

A serpente se enrosca como se fosse atacar.

Sibila uma ameaça:

__ Eu devia ter matado você quando você roubou a árvore. Eu devia ter atacado, feito seus músculos torcerem, seus ossos quebrarem e seu cérebro queimar. Eu devia ter sugado você até morrer.

Veja o que fiz com o Mundo. Meu poder ainda persiste.

Respondi calmamente:

__ Você conhece a Lei. Você não pode me tocar. Ninguém pode me tocar. Não sem medo da retribuição. Você é apenas uma sombra do que fora agora. Teu amado Caído não anda mais entre nós.

__ Eu mantenho o olhar da serpente com o meu.

__ Eu sei da Lei, Assassino,__ ela diz__ eu também sei que o Legislador abandonou sua raça. Eu poderia matar você agora sem temer a Sua Fúria.

A serpente balança em minha frente, como uma naja, esperando que eu baixe minha guarda.

__ Você poderia, ancião. Se você tivesse certeza que Ele se foi. Mas você tem certeza? Você sabe de algo que os anjos e os humanos não sabem? Mas saiba em seu coração de que Ele se foi.. Tenha certeza que eu mesmo não carrego essa crença comigo.

E veja __ levanto minha bengala em sua direção __ já estou levando você comigo...

E minha bengala, uma vez mais, se transforma numa serpente, idêntica ao guardião da árvore. Assim como quando seu antigo dono a usou no Egito.

A besta urra de desgosto, cuspidando um veneno ácido no chão assim que se retira de meu braço. Ela se esconde relutante entre os galhos, deixando-me em paz para pegar o resto das maçãs.

Quando termino, os meus bolsos estão completamente cheios com os frutos escuros e doces. Eu desço as escada e volto às ruas.

Acompanho as multidões em sua procissão em direção à Torre. Nenhum merece minhas frutas. Mulheres, homens, crianças, olhares fundos, perdidos. Sabem demais.

Imediatamente, me encontro atrás de um grupo parado em um lugar que mais parece uma mistura de pirâmides egípcias e pubs londrinos, olhando em admiração para o céu. Acima, milhares de Ordens Celestiais de Anjos dançam um estranho balé aéreo, soltando milhares de folhas douradas, raios de luz e pétalas em seus rastros aéreos.

Uma espécie de guia turístico, um servo civil licenciado da Burocracia Celestial, indica para os espectadores os nomes dos anjos em revolução no céu, falando com uma voz televisiva:

__ Lá , senhoras e senhores, ali, contornando a Torre nesse momento. Em vermelho e prata , aquele é Jehudiel, Arcanjo das Esferas. Sua batalha com o arquidemônio Gamichicoth acabou completamente com São Paulo. E veja atrás dele. Oertha, cuja defesa de New York foi em vão.

Rio para mim mesmo quando a multidão murmura um espantado "OHHHHH..". Jehudiel e Oertha, sei.

Aqueles dois ali são apenas Farris e Hirzabin, anjos menores, parafusos na gigantesca máquina da Política Angélica. Burocratas sem nenhuma fama, apesar de Farris ser conhecido em alguns centros por sua preferência por jovens negros.

Nem todos os anjos são anjos.

* * *

Passo por esses ignorantes e decido tomar um atalho através do Mercado. Ele está em piores condições que o resto da Cidade. Ecos da antiga ordem ainda parece renascer. Muitas lojas estão cheias de mercadorias para as multidões que chegam dos quatro confins do mundo. O comércio ainda está vivo, apesar do colapso de toda forma de organização.

Vendem uma centena de bugigangas, na sua maioria não autorizadas pela Administração. As camisas estão em todo lugar com escritos: , "Meus Pais foram para o Céu e tudo que eu ganhei foi essa estúpida camiseta"; "Eu dormi durante o Apocalipse", ou "Não deixaram o Advogado do Diabo entrar no Julgamento Final" ,e até a minha favorita "Apocalipse Past!".

Tem até aquelas pequenas bolas de acrílico com miniaturas de Cidades nelas. Quando você as sacode, milhares de pequenos anjos e demônios giram em uma miniatura do Armagedon.

Ando no meio da multidão, observando-os. As maçãs pesam em meus bolsos, as pessoas abrem caminho para mim. Meu terno negro completamente limpo os amedontra. Abro caminho com a minha bengala.

Vejo um grupo de crianças, o menor com 7 anos. Desde o Fim, não nasceram mais crianças, não existem mais almas para encarnar. O menor olha pra mim faminto, sua mão estendida em um pedido. Sorrio e tiro uma das maçãs e coloco em sua mão.

Ele olha para mim feliz e imediatamente coloca a maçã na boca.

Observo.

Após ela engolir o primeiro pedaço, sua boca começa a espumar. Ela joga sua cabeça para trás, urrando, um grito primal e animal, atraindo a atenção das crianças à sua volta. É o Processo.

Imediatamente depois, as outras crianças que estavam por perto percebem isso e atacam o meu pedinte, que revida mordendo e lutando como um animal selvagem. Não, ela é agora muito mais selvagem do que qualquer animal da antiga era.

Afasto-me.

Vejo que ela já carrega nos lábios uma orelha ensangüentada. A maçã que estava em sua mão já foi levada. Outro a devora e o Processo reinicia. Sorrio levemente. Geração do amanhã. Vou em direção à ponte.

Estou na Ponte, que separa a Cidade da Torre. Aqui se reúne o Clero. Evito fazer contato visual com os imundos e maltrapilhos padres. Vítimas da guerra.

Vítimas de sua ocupação. O clero realmente cáira, talvez mais desorientados do que os anjos (quem precisa dos que interpretam a Palavra quando aqueles que falam a Palavra andam conosco?).

Jogo maçãs para suas mãos egoístas. Eles sabem demais. Eles me agradecem. Eles me abençoam. Eles me pergunta se quero me confessar e empurro-os para longe com minhas botas. Abro caminho com minha bengala. Deixo se transformarem em bestas.

Eles me seguem quando eu aperto meu passo.

Passo pelo Mar que a ponte cruza, de onde Leviathan tinha-se erguido , lutado e morrido junto com Raphael.

Milhares de navios, submarinos, aviões, soldados incapazes de morrer, bóiam, semisubmersos em suas águas. Seus gemidos acompanham as ondas que batem nos pilares da ponte.

O Anjo da Morte foi derrotado, glória aos céus!

Caminho pela ponte.

No outro lado , membros da ordem dos Penitentes, pregados em cruzes - suas carnes rasgadas e apodrecendo. Grande nuvens de moscas voam em torno deles, impregnando os ferimentos abertos com milhares de ovos. Os ovos germinam e bilhões de vermes comem vagarosamente suas carnes incapazes de morrer.

Imitadores imortais do Cristo. Formam uma bizarra floresta de cruzes, decadência do conhecimento de Deus. Sabem demais.

Passo por eles e escuto seus clamores, seus gritos aos céus:

__ Estou aqui, Pai! Eu sou o seu filho feito à sua imagem! Perdoa-me Pai! Acaba com meu sofrimento! Liberte-me de minha prisão terrestre!

Muitos já estão além de qualquer possibilidade de gritos ou preces. Muitos, caem das cruzes com suas carnes tão apodrecidas que seus corpos se soltam de seus braços. E ficam se decompondo no chão, imortais.

Já posso ver bem a Torre, gigantesca, emergindo como um iceberg do mar de prédios destruídos e misturados em uma arquitetura psicótica. Patética tentativa dos Arcanjos de terem uma referência, de se apegarem ao passado.

Ele jamais aprovara a Torre. Ele nem ligava mais, se é que algum dia ligara. Metraton estava louco. Sabia demais. Humano demais.

Vejo o enorme Portal além dos Penitentes. Foi feito com a espinha dorsal de Menmoch-Baal, cimentado com sangue do Cordeiro. Dos dois lados, os Grigori, os que vigiam os portais, barram as multidões com suas espadas de fogo. Gigantescos, erguem-se em uma pose decadente, como se realmente acreditassem que havia algum sentido em tudo aquilo.

Seus milhares de olhos de fogo em suas cabeças, suas centenas de asas, suas peles imaculadamente brancas, suas armaduras manchadas com o sangue de anjos e demônios.

Tenho que pagar em ouro para passar pelo portal. Só os que pagam podem viver na cidadela terrestre dos anjos. Avanço sem olhar para os guardiões, e uma enorme espada de fogo barra meu caminho.

Um momento de tensão, no qual nenhum de nós se move. Então o segundo Anjo se aproxima de mim e olha para meu rosto. Ele sopra gentilmente parte do meu longo cabelo para longe de minha face. Seu hálito cheira à lírios e rosas. Ele me estuda cuidadosamente. Então, mais suavemente ainda do que sua aproximação, ele e seu camarada se afastam deixando-me passar sem maiores problemas.

Entro na Nova Jerusalém.

Além dos Grigori, passo pelos Elísios, a grande praça onde o Colosso Divino está sendo construído. Muito maior do que qualquer estátua humana, maior do que a Liberdade ou o Redentor. Olhando para cima, vejo milhares de humanos trabalhando para levantar a massiva estrutura metálica.

Abaixo deles, Anjos menores cobrem o esqueleto de metal com ouro. Perto, a gigantesca cabeça do monolito com seus olhos de aço frio e seus cabelos feitos de fogo líquido, esculpido das poucas memórias que os Anjos ainda tem de seu criador.

Olho para a enorme cabeça, de uns 60 metros de diâmetro. Ela me faz lembrar da face de Gog-Magog, quando ele se levantou junto com milhares de forças militares, de sua prisão milenar no deserto do Oriente Médio.

É na face de Deus que vejo a Besta refletida ou vice-versa? Os olhos são os mesmos, e a boca. Sim, todas as criaturas de Deus dividem com Ele Seus Olhos e Sua Boca.

Eu me recordo quando Metraton, a Voz de Deus, decretou, provavelmente em desespero, a construção desse ídolo de ouro. Ele falou com uma voz estranha, humana, cheia de confusão:

— Os Caídos foram derrotados. Nós somos os vitoriosos. E qual foi o preço de Nosso Triunfo? A Cidade Celestial está em ruínas. Bilhões dos Filhos de Adão foram executados, milhões desapareceram do infinito. Os Três que são Um estão perdidos para nós. Os mais poderosos entre nós buscaram a Eternidade e falharam. Estamos sozinhos, abandonados, esquecidos. Os Serafins, os Sete Arcanjos se reuniram e decidiram.

A Hierarquia precisa ter sua Nova Jerusalém. Os Filhos de Adão precisam ter um Deus.

Vejam agora! Temos um novo Deus para essa nova Era. Um monumento com base nas visões dos anjos. Algo para acreditar. Algo para reerguer o Mundo, para continuar o Plano. Idiotas! Imbecis! Lutam para ainda se manterem no passado! Sinto vontade de vomitar e de gargalhar ao mesmo tempo. Anjos e homens, sabem demais. Conhecimento demais.

Tomo um tempo distribuindo alguns frutos entre os trabalhadores. Eles recebem incrédulos, muitos não se alimentam à dias, meses, continuando apenas pelo sentido de devoção. Sentido falso, como todos os outros.

Conhecimento.

Choro por essas crianças.

Saio da praça não deixando os Anjos da Compaixão, os Ishshim, verem minhas lágrimas. Atrás de mim, os trabalhadores já estão soltando gritos selvagens.

* * *

Passo para a gigantesca área que circunda a Torre, na região onde alguns cidadãos chamam de Jardins dos Enforcados. Aqui encontro mais loucura.

Como os Penitentes, essas pessoas buscam um fim ao seu sofrimento. Diferente de seus irmãos eclesiásticos, os Enforcados não fazem nenhum pedido ao Pai.

Ao invés, calmamente, educadamente, eles vem aqui para cometer suicídio. E repetem indefinidamente o pecado mortal. De início usavam venenos, depois se esfaqueavam, mais nada os fazia sequer terem a sensação de morte. Foi quando experimentaram o enforcamento.

Eles vem, aos milhares, se enforcar nesses jardins. Os anjos do portal os deixam passar, cobrando seu preço de ouro. E eles se dependuram nas muitas árvores que circundam a Torre e se enforcam.

Muitos usam roupas com cores que possam ressaltar seus rostos arroxeados e suas peles sem oxigênio.

Ficam dependurados, imitando como se estivessem mortos, imóveis, seus corpos como decorações de natal. Ficariam assim sempre, se não fosse as gangues dos Querubins aparecerem se divertindo separando os corpos dos Enforcados de suas cabeças.

Gargalham sadicamente ao verem seus corpos caírem no chão, as cabeças presas nas cordas pelos pescoços gritando para pararem. Anjos delinqüentes.

Conhecimento demais.

Passo por um vendedor com sua pequena tábua de camelô, gritando para a multidão que me cerca:

__ Cordas, cordas finas, cordas brancas, negras as melhores.

Do seu lado, um querubim com um dos olhos vazados carrega uma quantidade impressionante de cordas. O gordo vendedor se aproxima de mim e diz:

__ Uma corda para você, meu amigo?

Olho para ele. Nesses vendedores eu me conforto. São ignorantes. Ele continua:

__ Ei, amigo, só perguntei. Vejo que você não é um dos que se enforcam regularmente, não vejo cicatrizes em torno de seu pescoço.

Desisto de dar um dos frutos para esse. Já é cético demais. Ignoro-o e vou em direção à Torre, que já cobre totalmente o meu campo de visão. Mas antes, vejo uma construção nos

arredores. Uma enorme fogueira está sendo feita em sua frente. É uma enorme biblioteca, uma mistura de várias bibliotecas de todo o mundo, mesclada pelo caos do Armagedon.

Na sua frente, uma pilha impossível de livros estão queimando. As janelas e as portas dessa bizarra biblioteca estão todas quebradas. Pelas fendas da construção (que mais parece uma obra cubista) vejo centenas de homens e mulheres carregando livros para a grande fogueira. Vejo que já comeram de meus frutos.

Eles parecem ter uma ordem para queimar os livros, ordem pela inutilidade do conhecimento. Os primeiros livros a serem queimados foram os de Filosofia, seguido pela Ciência e talvez pelos de Política.

Vejo que estão queimando os de História agora e talvez os de Economia. Passo pelo meio do fogo, e ao sair deixo o resto de meus frutos para estes traidores da razão. Aleluia!

Na minha frente vejo a Torre. Novamente, muito maior que a anterior, essa é trabalho de homens e anjos desesperados. A Torre agora chegou ao Céu, e o encontrara vazio. O Paraíso estava destruído, seu Criador sumido. Agora, Metraton usa a Torre como seu centro de poder.

Ridículo.

Entro, passando por dois anjos com rostos de cães, maiores do que os guardiões da entrada. Cheiram a suor e sangue. Sou informado que estou na Central da Administração Celestial. Nenhum incidente me bloqueia. Sou esperado por Metraton.

Encontro o Chefe Interino dos Céus imerso em torpor. Dois Serafins ao seu lado entretidos no trabalho de injetar cocaína em seus braços gigantescos.

O supremo Arcanjo fugindo do peso do Cargo a ele deixado. Ao me ver, ele abre seus olhos. Está no centro da sala no andar mais alto da Torre, seu tamanho colossal contrastando com a fragilidade que vejo em seus olhos de fogo. Suas centenas de asas se estendem na medida em que percebe minha presença.

A sala é imaculadamente branca, limpa, mármore liso dos chãos ao teto. Em meio às suas pernas, por entre as transparências de seu robe, vejo nascer enormes órgãos sexuais masculinos e femininos. Decadência de uma potência cósmica. Sinto nojo. O conhecimento já o infectara muito.

Sua voz ecoa na sala, estranhamente humana, olhos dopados:

— Isto é sua falta. Você sabia que isso iria acontecer. Nós devíamos ter matado você por isso. Destruímos arquidemônios por muito menos. Nós deveríamos mandar você gritando para o abismo, agora vazio. Nós vamos nos vingar em você.

Eu olhei para aquele anjo ultrapassado. A antiga Voz de Deus. Um ditador patético e murrinhento. Meu olhar é frio, negro e direto:

___ Você não fará nada ___ digo à ele ___ O seu tempo acabou. O Coral de Deus já foi escolhido e a sua voz foi considerada muito dissonante. Pertence ao passado. A Era de Deus e de Sua lei passaram.

É o Meu tempo agora. Vai haver uma nova era e um novo Deus. Eu garanto que não será aquele triste monolito que você é tão fanático em construir.

O rosto de Metraton trai sua queda na humanidade ao mostrar a mortal sensação de espanto. Sinto pena dele. Sinto pena de todos eles. Os Anjos, quase divinos mas ainda imperfeitos. Sabem demais. Conhecem partes do Plano, mas não seus detalhes, nuances e complexidades.

Sinto que é hora da revelação:

___ Sou Caim. Filho de Adão, Filho primeiro do Senhor. Carrego o Bastão do profeta Moisés. Meus pais provaram as frutas da árvore do conhecimento.

Fazendo isso, Deus plantou suas Sementes, cuidou de Seu jardim, e lhes deu as melhores frutas, as piores frutas, frutas doentes, frutas verdes, doces... Mas nós vivíamos dessas frutas.

Tiro uma última maçã de meu bolso.

___ Esta é a fruta da segunda árvore, a Árvore da Ignorância. De suas sementes um novo Éden nascerá. Assim como com a árvore original, ao homem será oferecida essas frutas. As devorará e das sementes em suas fezes elas se multiplicarão. Essas não são as frutas de conhecimento e imortalidade.

Vimos o que elas causaram no final. Essa são as frutas da ignorância e do esquecimento.

O Homem precisa retornar às suas origens. Ele precisa ser sem pecado e sem mente, assim como as bestas do campo. Esta foi a minha missão, amaldiçoada à mim pelo Senhor desde o início dos tempos.

Eu levarei o homem da luz às trevas...

Sou a Chama Nua...

Eu olhei em contentamento quando o êxtase da revelação tomou conta de Metraton. O Apocalipse final, finalmente.

Com sua nova consciência, sua necessidade completa, Metraton vagorosamente se dissolve no éter da Criação. O aprendera o único conhecimento que importava agora. Em todo o mundo, os Anjos dissolvem no nada.

No meio de tudo Metraton fala :

___ A Profecia está cumprida. O Alfa e o Omega. No Fim..." ___ e se vai.

Então surge uma segunda voz, uma voz do Mundo, a Minha voz:

__ Faça-se a Escuridão! __ e a Escuridão se fez.

Eu fecho meus olhos e espero para o mundo começar novamente...

Esse conto foi inspirado nessa letra de música da maior banda gótica de todos os tempos, o Sisters of Mercy

"Through the angel rain through the dust and the gasoline

Through the cruelty of strangers to the neon dream

long distance information

I'll take the same

I got the fuel for the transformation

I'm naked flame"

The Sisters of Mercy

Escrito por Newton "Tio Nitro" Rocha Júnior (prof.newtonrocha@gmail.com)

